

DALTON MENEZES

O

E

S

C

R

I

T

O

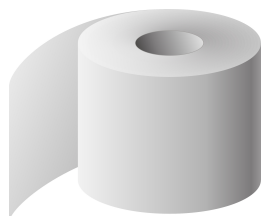
R

O
ESCRITOR
Dalton Menezes

Para mim.

(Isso é o que todo escritor realmente quer pôr, acredite).

O ESCRITOR



Hoje é o meu grande dia. Minha primeira obra poderá ser publicada por uma das maiores editoras do país. Nada pode dar errado. Não hoje. Chegar atrasado? Nem pensar. Isso depende inteiramente de mim? Nem um pouco. Mas permaneço otimista.

Não um jeito qualquer de otimismo, um especial. Um otimismo anêmico, assim como a minha aparência.

Salto do ônibus dois quarteirões antes, o trânsito estava caótico.

Sons incessantes de buzina.

Um amontoado de pessoas na calçada.

Um calor dos diabos.

É como se a vida tivesse arquitetado aquilo tudo especialmente para mim. Para me foder, claro.

Eu me irrita? Não, claro que não. Não hoje.

Nada estragará o meu dia.

Isso depende inteiramente de mim? Nem um pouco, mas tudo o que eu posso fazer é: tentar. Se eu fracassar, tenho duas opções: choramingar feito uma criança e desistir ou encarar a realidade de cabeça erguida e tentar

novamente, quantas vezes forem necessárias e o meu corpo mortiço aguentar.

Começo a correr da forma que posso, me esquivando das pessoas.

Um esbarrão aqui, outro acolá.

— Me desculpe! — Digo a elas, constrangido.

Mas cada minuto conta.

Continuo correndo.

Quanto mais importante forem as suas possíveis conquistas, mais a vida te colocará obstáculos. Você que se vire. Ela não se importa.

O universo não se importa, essa é a verdade.

Por que deveria, se não passamos, apenas, de pulgas para ele? Talvez, até menos que isso. Mas somos seres tão ególatras que achamos que tudo que está na terra e no universo, como um todo, foi feito exclusivamente para nós.

Ó, como somos especiais.

Somos mesmo?

E o universo, a vida, o que for, tem um modo sádico e peculiar de se divertir para te mostrar isso. A vida te deixa ganhar algumas batalhas, te deixa ter a falsa sensação de estar no controle; mas a guerra, ah, a guerra, esse é o prato especial dela, o xeque-mate, o ultimato. Ela te põe de quatro no chão e te mostra que você não tem a menor chance contra ela. Não há como vencê-la.

Continuo correndo.

Correndo.

Correndo.

E correndo.

Nada estragará o meu dia. Hoje não. E cada minuto conta.

Finalmente avisto o prédio da editora.

Meu coração está acelerado.

Olho no relógio. Estou adiantado.

Suspiro. Não um suspiro qualquer, mas um suspiro de autoconfiança mesclado a pavor. Um maldito paradoxo.

Pego meu lenço no paletó e começo a limpar o meu rosto suado. Apesar de estar usando paletó, nada nesse mundo faz com que eu use um sapato social no lugar do meu *all-star* preto e branco. Sinceramente, gosto dessa ruptura estética, faz parte da minha personalidade.

Termino de me secar.

Guardo o lenço.

Olho em direção ao saguão do prédio.

Penso: vai lá garotão, mostra como é que se faz. Essa é sua hora. É o seu momento de brilhar.

Entro no prédio e me dirijo ao elevador.

— Boa tarde, senhor. Qual o andar? — Pergunta a ascensorista.

— Boa tarde. O décimo segundo, por favor. — Respondo.

Chego.

Saio do elevador.

A sala de espera está vazia.

Sento em uma das poltronas.

Olho para os lados e: nada. Nenhuma alma viva ali.

Pego umas das revistas que estava na mesa de centro e começo a folheá-la. Então, aguardo.

Tic, Tac.

Tic, Tac.

Tic...

Folhee todas as revistas que estavam ali.

Já se passaram duas horas desde que cheguei.

Duas horas.

O horário do meu compromisso: uma hora atrás.

Porra, como eu odeio esperar. Se bem que, há alguém nesse mundo que sinta prazer nisso? Se houver, gostaria muito de conhecê-la e ouvi-la, para que possa me explicar de qual síndrome está acometida. Sério.

Tic, Tac.

Tic, Tac.

Tic...

O barulho do relógio começa a me irritar. E a cada ponteiro movido, o som parece ficar gradativamente irritante.

Esses empresários atrasam compromissos do tipo, propositalmente. Isso é um jogo psicológico e, se você não prestar atenção, eles ganham. É assim que nos dão o recado de que precisamos deles, não o contrário. Mas será mesmo?

É o que querem que pensemos, mas somos nós, a classe fodida e que produz, que gira toda a engrenagem que os alimenta.

Então, o que é que será? Fico ou vou embora?

Se eu ficar, não posso me sujeitar a qualquer coisa no intuito de ser publicado. Que valor eu teria? Há que ponto estou disposto a vender a

minha alma por isso? E se eu for embora, perco a minha suposta maior oportunidade de me tornar um escritor famoso.

Essa maldita dúvida me torna vulnerável.

Sou apenas um anônimo.

Sou a porra de um escritor que faliu antes mesmo de ser publicado e que, agora, tem uma chance para se provar.

Apenas ficando é que saberei, então decido ficar.

Blam.

Ouço o barulho de uma porta sendo batida no corredor.

Uma moça vem à minha direção.

— Olá, você deve ser o escritor que o senhor Antônio está aguardando. Ele me pediu para chamá-lo. Me acompanhe, por favor. — Diz a moça.

— Isso, sou eu mesmo. — Confirmo, sorrindo.

Que moça!

Poucas vezes vi uma mulher tão bonita e com um perfume tão inebriante como o que estava usando.

— Você chegou no momento certo, senhorita...

— Ana, pode me chamar de Ana. — Diz, retribuindo o sorriso.

Que sorriso lindo.

Sou do tipo que se apaixona fácil, mas sei das minhas limitações enquanto poeta e escritor.

Poetas não nascem para ter, nascem para sentir falta.

Essa é a nossa sina.

É a minha sina.

Será mesmo? Ou será que a me impus?

— Então, Ana. Mais um *Tic, Tac* daquele relógio e eu juro que o teria jogado pela janela.

Ela ri.

Andamos pelo longo corredor de onde ela veio.

— Eu sei como é, sinto vontade de fazer isso todos os dias. — Diz Ana, bem-humorada.

— Pode me fazer um favor, Ana?

— Qual?

— Quando decidir jogar aquele relógio pela janela, por favor, pode me chamar?

— Pode deixar, chamo sim! — Responde, rindo sutilmente.

Chegamos ao final do corredor.

— Essa é a sala do senhor Antônio. — Anuncia, apontando para a porta.

— Obrigado, Ana. — Aperto a sua mão macia cordialmente e me despeço.

Encho os meus pulmões de ar.

Expiro.

Dou três toques na porta.

Toc, Toc, Toc.

— Pode entrar. — Alguém responde.

Abro a porta.

Entro na sala.

Era o agente literário.

— Boa tarde, senhor Antônio. Eu sou...

— Sim, sim. Sei quem você é. — Me interrompe. — Ouvi falar que você é um cara, como posso dizer, excêntrico. Essa é a palavra. Estou realmente curioso ao seu respeito, garoto. Me mostre o que tem, me surpreenda.

Retiro os meus materiais da mochila e os coloco na mesa.

Ele me olha, abismado.

Fica em silêncio.

Torna a me olhar.

— O que diabos é isso garoto? — Questiona, incrédulo.

— É o meu livro. — Respondo.

— Mas em rolos de papel higiênico?

— Sim, está tudo aí.

— Você está de sacanagem comigo, não é? — Ele me afronta com a face encarquilhada e avermelhada tal qual a de um camarão.

Ele esbarra em um dos rolos.

O rolo caí.

Fico igualmente vermelho.

Respiro fundo.

Mantenho a compostura.

Respondo:

— Não senhor, esse realmente é o meu livro. — Reafirmo, fitando-o nos olhos.

— Porra, que espécie de tarado você é? — Diz Antônio, de forma jocosa.

— Quê?

— Nada. Esquece. É a primeira vez que vejo algo assim. E olha que eu já vi muita coisa estranha por aqui, garoto. Mas nada supera isso! — Diz, coçando a cabeça.

Ficamos em silêncio.

Ele me encara.

Franze a testa.

Estala os dedos.

Quebra o silêncio.

— Por qual motivo eu deveria publicar os seus rolos de papel higiênico? — Indaga, reclinando-se em sua poltrona executiva de couro, fitando o teto.

— Bem, são os rolos de papel higiênico mais literários de toda a história. E se alguém não gostar, ao menos poderá se limpar com eles. — Justifico.

Ele ri.

Um riso semelhante a um berro.

Pega um dos rolos e lê:

“ — E quanto as mulheres?

— São um problema...

— Prefere homens?

— Diabos, doutor, eu não disse isso!

— Tudo bem, não precisa se alterar. Isso não seria um problema!

— Não me sacaneia, ok?

— Não estava te sacaneando.

— Sei...

— O que acha do amor?

— *Uma droga dos diabos!*

— *Mas, por qual motivo?*

— *Oras, o que você me diz de algo que te faz perder os sentidos? Que faz você querer socar a sua cabeça contra a parede até ela explodir por causa de ciúmes, sentimento de posse, brigas e toda essa merda que nós, seres humanos, temos?*

— *Diria que não é nada bom. Ao menos, não dessa forma!*

— *Pois, então... É isso o que eu acho do amor.*

— *Então você não ama?*

— *Diabos, quando eu disse isso?*

— *Eu não disse que você disse. Só estou perguntando.*

— *Eu amo, doutor. Mas apenas de longe e em silêncio. É mais seguro, sabe?"*

Ele termina, pensativo.

Me olha de forma nebulosa.

O silêncio toma conta do ambiente mais uma vez.

Suspense.

Começo a ficar ansioso.

Ele pega um dos charutos que estava em sua mesa, acende e me oferece. Recuso, mas pergunto se posso acender um dos meus cigarros. Ele consente, sinalizando com a cabeça, degustando o seu charuto.

Bafora a fumaça em minha direção. E com todo o ar de sabedoria, diz:

— *Lido com muitos de vocês todos os dias e raramente, alguém não fuma. Cigarros parecem ser a segunda ferramenta dos escritores, uma porra*

de muleta, um segundo pau, se preferir, principalmente se forem autores malditos, não é?

— É, principalmente os malditos. — Condescendo.

Ele sorri.

Não é difícil imaginar o motivo.

Pessoas gostam quando concordamos com elas.

Isso infla seus egos, é uma questão frágil, pois elas se tornam facilmente manipuláveis. Se a elogiarmos por suas ideias então, nem se fala. Sentem-se ainda mais especiais, sentem-se os detentores da verdade universal.

E quanto a mim?

Estou incólume a isso?

O primeiro passo para que seja manipulado, é achar que você não é manipulável, pois isso faz com que afrouxe ou até mesmo esqueça da existência de suas fronteiras; e isso faz com que não perceba quando às transpassarem. Você se torna a presa mais fácil de todas.

Então, estou incólume a isso?

Pego um dos meus cigarros, acendo e o trago. Tão forte que quase não sai fumaça quando expiro.

Agora sim, o ambiente estava familiar para mim.

Fico um pouco mais tranquilo.

Situações em que estamos sendo analisados, sobretudo: nossas obras, é algo que nos deixa bastante ansiosos, sedentos por aceitação.

A ansiedade toma conta de nós de forma avassaladora. O medo da rejeição, de descobrirmos que não somos bons o bastante, é aterrador.

Por quais motivos nós somos tão frustrados por essas coisas? E por qual motivo nós nos sentimos inferiores a babacas engravatados como ele? Será que é pelo poder que eles têm? Por serem um meio para um fim do

qual tanto almejamos? Eles têm mesmo esse poder sobre nós? Ou será que nós é que damos esse poder a eles?

Agora ele pega outro rolo e o lê:

“Fumou seus cigarros, bebeu suas bebidas, arriscou a sua vida e comeu suas putas. Viveu por toda sua vida feliz, pois sabia exatamente o que estava abraçando. Não havia propagandas enganosas, não havia expectativas ou ilusões, apenas a realidade nua e crua, e isso bastava para ele. Se a vida tivesse que fodê-lo, ao menos, poderia escolher por qual lado.”.

Ele termina.

Não consigo distinguir em sua face reação alguma.

Torna a me encarar.

Começo a suar.

Ele dá um soco de forma repentina em sua mesa com um sorriso estampado na face, gargalhando.

Eu me assusto.

— Droga, você é a porra de um maluco mesmo, hein garoto? Gosto muito disso. Você tem autenticidade e conseguiu me surpreender.

— Obrigado. — Respondo acanhado, com minhas sobrancelhas erguidas ao limite por causa do susto.

Se tem uma coisa que eu odeio é levar sustos. Meu coração acelera e quase nunca sei qual será a minha reação.

Certa vez, cheguei a dar um soco em uma senhora que cruzou a esquina e gritou algo tão alto que não consegui discernir até hoje. Quando

me dei conta, a velha estava ali, esparramada no chão, confusa.

Fiquei mal por semanas por ter feito aquilo. Sei que não foi intencional, foi puro reflexo; instinto de sobrevivência, se assim preferir. Mas não devo ter ficado tão mal quanto a velha, coitada. Ela esperava ainda menos por aquilo.

— Diga-me, garoto. Essas coisas que escreveu são autobiográficas?

Ah, estava demorando.

Essa pergunta... Como não a detestar?

É sempre a mesma coisa!

Sempre!

Essa questão realmente importa?

Sim, estou falando com você, leitor. Não finja que eu não sei que você está me observando, que está lendo isso, e que sou um mero personagem nessa história para o seu deleite.

Perguntas do tipo são quase que unanimidade entre vocês, infelizmente. E um insulto a nós, escritores, assim posso afirmar.

Mas afirmar isso em nome de todos é uma puta arrogância minha. Ainda que seja isso o que eu tenha observado, eu não conheço todos os escritores, não é mesmo?

Agora, se você quer irritar um escritor, do tipo que mencionei, incluindo a mim, pergunte-o exatamente isso.

Ele até poderá não demonstrar, mas se tem algo que nós, escritores, odiamos, é ter que responder algo que certifique a veracidade de acontecimentos do nosso íntimo, que necessitamos exorcizar através da escrita, para vocês.

Não o fazemos para que descubram isso, o fazemos para a nossa catarse. É como conseguimos morrer e ressuscitar em seguida. É como libertamos o nosso âmagô prestes a explodir!

— Garoto? Ô Garoto?

Viu, como ficamos irritados?

Ao falar com você, leitor, sobre isso, até me esqueci da história. E é pela história que você está aqui, não é? Então, perdoe-me. Voltemos a ela!

— Ah, talvez tenha uma coisa aqui ou acolá de autobiográfico. — Digo, dando com os ombros. — Mas isso ninguém saberá, nem mesmo o senhor. Que graça teria? As certezas estragam toda a magia da coisa, não acha? — Continuo.

— É, você está certo. — Diz ele, colocando a mão no queixo, pensativo. — Olha, gostei muito dessa merda toda que li e que você chama de livro! Sem falar que terá uma história inusitada para contar quando alguém te entrevistar ou escrever a sua biografia. Isso será bom para ambas as partes. Publicaremos os papéis higiênicos. — Prossegue, sorrindo para mim.

Nesse momento, noto um brilho em seu olhar. Não um brilho qualquer, mas do tipo que te enxerga como notas de dinheiro.

Sorrio discretamente, um sorriso parisiense, de modo a não revelar a cor das minhas gengivas.

Ser comedido ao tratar de negócios é a coisa mais prudente a se fazer.

— Sério? Publicarão mesmo? — Indago, precavido.

— Sim, mas...

Mas.

Sempre tem a porra de um mas.

Sempre.

Fiz certo em não me animar muito.

— Mas antes me diz, tem vampiros que brilha na sua história? Caras ricos, possessivos e sádicos com mulheres subjugadas que os idolatra?

Pitadas de autoajuda? — Pergunta ele, sugestivo.

— Não, não tem nada disso.

— Droga, garoto. Mas é isso o que vende nos dias de hoje. Coloca uma das putas do teu livro sendo uma vampira que trabalha para um grupo de ricos sádicos e faz disso aí uma reflexão, o que acha? Faz ela se libertar e brilhar. As pessoas amam superações. Ou melhor, faz ela ser liberta pelo protagonista que a ama de forma platônica. Mulheres salvas por homens é algo que vende muito. O que acha?

— Eu acho que o senhor poderia escrever o seu próprio livro. — Imponho-me.

— Rá, olha o artista aí. Já está todo arrogante antes mesmo de ficar famoso. — Rebate com escárnio.

— Não foi a minha intenção parecer arrogante, mas é que essa não é a minha...

— Ô garoto, você quer ser publicado e adorado ou não? — Torna a me interromper, gesticulando com os braços.

Reflico por alguns instantes.

Fico incomodado.

Agora, mais um pouco.

Respondo:

— Talvez, mas não dessa forma.

— Mas é assim que o mundo funciona, filho. Olha, entraremos em contato com você. Vai pensando nas coisas que te falei e faz algo a respeito, afinal você é o escritor. Certo?

— Certo. — Concordo desanimado, afinal, se sou eu o escritor, qual o sentido de escrever o que ele quer?

Pego todos os rolos e os coloco de volta à minha mochila.

Apertamos as mãos.

Retiro-me da sala.

Percorro o corredor.

Nenhum sinal da Ana.

Será que a verei novamente?

Espero que sim.

Sentirei falta dela.

É, realmente eu me apaixono fácil. Estou até achando que sentirei falta dela.

Tomara que ela resolva jogar aquele relógio pela janela e me chame. Rá, quanta ingenuidade a minha, até parece que isso realmente acontecerá.

Pego o elevador.

Começo a achar que foi uma péssima ideia tentar ser publicado por uma editora. No final das contas, eles querem modificar toda a sua história para algo palatável ou idiota para o público. Na verdade, isso pouco importa. Contanto que seja rentável, eles não ligam para a história, ligam para as vendas.

Por qual motivo eu preciso deles?

Por ego?

Para que eu possa falar que uma editora me publicou e que isso me valida como um bom escritor para meus amigos e familiares?

Essas coisas são falsas, são supérfluas. O que há de tanta porcária publicada por aí quebra essa crença idiota de que precisamos delas para nos validarmos.

Então, qual o motivo?

Que eu vá pro caralho com o meu ego.

Não preciso disso.

O elevador chega ao térreo.

— Obrigado. Tenha uma boa tarde. — Digo à ascensorista.

— Uma boa tarde para o senhor também. — Me responde.

Saio do prédio.

Olho para a janela da sala do agente.

Levanto o dedo do meio e aponto para lá.

Suspiro e sorrio com satisfação.

— Foda-se, melhor eu me autopublicar. — Penso em voz alta.

Sobre o Autor



O que se sabe a respeito do autor, é que nem mesmo ele sabe sobre quem de fato é. Por esse motivo, nós muito menos! E por nós, entenda: o próprio autor. E como para ele, ou seja, eu, referenciar-se e escrever sobre sua persona na terceira pessoa, inflando o seu próprio ego, é deveras estranho, finalizo por aqui — até que não seja mais eu — a escrever sobre mim.

Contatos do autor:

<https://daltonmenezes.github.io/#contact>

Outras Obras do Autor



"O pior lugar para se frequentar e ter contato com demônios não era no inferno, mas, sim, em nossas mentes."

Em *Alegórico Ser*, Dalton Menezes nos traz a história de Yorick, um jovem atormentado por transtornos psicológicos e que procura por ajuda psiquiátrica. Na sessão, somos inseridos a fundo na mente dele, no embate filosófico entre ele e seu psiquiatra, no humor ímpar de Yorick, nas reflexões a respeito da vida, do amor, da humanidade, da forma como preenchemos o nosso vazio com alegorias, no niilismo. *Alegórico Ser* é, antes de tudo, um soco no estômago, uma porrada no crânio. Tente escapar ileso e falhe miseravelmente.

[Ver 'Alegórico Ser'](#)

Copyright © 2019 por Dalton Menezes

Capa e diagramação
Dalton Menezes

Revisão
Cínthia Sampaio

Menezes, Dalton.

O Escritor [livro digital] / Dalton Menezes. – Cansanção, BA: edição do autor, 2019.

1. Literatura brasileira. 2. Conto. 3. Ficção. 4. Sátira
I. Título. II. Autor.

Reservados todos os direitos. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem prévia autorização do autor.

Título do Livro

Dedicatória

A História

Sobre o Autor

Outras Obras do Autor

Copyright e Dados Bibliográficos